



A HISTÓRIA CONTADA: APESAR DOS HISTORIADORES

Paulo Vinicius Silva de Santana¹, Ana Paula Silva de Santana².

¹ Mestre em História Social da Cultura (UFMG), Licenciado em História (UFV), Professor de História FACIG e IFES (Campus Ibatiba), pvss13@gmail.com

² Graduanda em História (UFOP), Bolsista PIBID – UFOP, e-mail: anapaulasantana.ufop@gmail.com

Resumo – A história na atualidade vem sendo contada em diversos formatos, com diferentes perspectivas e os mais variados públicos-alvo. O historiador, dentro de seus arquivos e imerso em concepções teórico filosóficas complexas, se afasta constantemente do mundo em que vive por produzir um conhecimento explicitamente voltado a seus pares. No entanto, ao nosso redor temos contato constante com produtos enriquecidos de conteúdo de tempos passados. Novelas históricas, jogos eletrônicos, romances históricos e filmes ambientados em outros períodos são comuns na contemporaneidade. Temos de um lado um saber criptografado que apenas especialistas são capazes de absorver e, de outro, o saber vulgarizado, de amplo acesso, mas de conteúdo e concepção poucos preocupados com os métodos de pesquisa histórica. Como as mídias atuais usam e abusam dos saberes históricos? Porquê o saber acadêmico é tão inacessível? O problema central a que nos propomos é entender como um conhecimento considerado massante em sala de aula tornou-se produto altamente vendável no presente.

Palavras-chave: História; Mídias; Divulgação; Entretenimento; Ensino.

Área do Conhecimento: Teoria e Filosofia da História.

INTRODUÇÃO

Contar história, esse foi o desafio acatado por homens de diferentes épocas históricas que influenciados por suas especificidades pessoais e conjunturas políticas se coloram a relatar as pessoas de seu tempo e do futuro o que antes havia se passado. É claro que existem explicações diferenciadas acerca do início da história, porém gosto muito de pensar que tudo se iniciou quando um sábio historiador do mundo grego resolveu relatar as experiências de gregos e “bárbaros” aos homens do futuro de forma sistemática, deixando aqui o âmbito das epopeias e dos mitos e entrando no que seria histórico e crítico.

Parece-me encantador esse começo, um homem que de repente resolve fazer-se histórico, eterno a fim de colocar no papel sua tentativa de transmitir ao mundo tudo o que antes aconteceu. A partir daqui o relato da “realidade” ou do que parecia ser real aos olhos do escritor, do contador de histórias tornou-se essencial e a função desde por sua vez era importantíssima para que o passado permanecesse – de alguma forma – vivo no futuro. (HARTOG, 1999)

A história nesse primeiro momento era contada a fim de “ensinar” sobre o passado, deixava o passado falar e demonstrar ao presente a melhor forma de agir, viver e pensar. Era a história mestra da vida, que com sabedoria tinha o poder de orientar sobre os percalços que por ventura

poderiam acontecer. Assim em um momento de guerra ou de impasse político era fácil voltar aos livros de história, identificar-se com algum capítulo e guiar o presente da melhor forma. Aqui a palavra de um homem era mais importante do que provas. Os depoimentos honestos, a emoção no semblante e o poder da retórica eram as melhores evidências da verdade.¹ (GINZBURG, 2007)

Com o passar do tempo a função da história foi se modificando e o passado da idade antiga deu lugar ao futurismo da modernidade.² Agora a história não era mais uma mestra que vivia a ensinar e repetir os fatos, os tempos históricos eram vistos como únicos, a história tornou-se técnica. Nasceu então a ciência!

A pesquisa e a metodologia tomaram o lugar que antes era da *enargeia*.² A aceleração do tempo tornou-se mais perceptível assim como as mudanças dos fatos históricos.² O horizonte de expectativa maior e mais afastado do espaço de experiência. O próprio futuro como orientador dos homens e de projetos grandiosos como o progresso, a liberdade, felicidade, igualdade, socialismo, ciência e razão. Homens que passaram a sentir com maior evidência o andar

1 Para os gregos e romanos a verdade histórica se fundava na *evidentia* (o equivalente latino da *enargeia* proposta por Quintiliano).

2 ¹ Principalmente ao que se refere ao período de 1750-1850.

dos acontecimentos. O futuro agora deveria ser único, diferente do passado. As invenções e as descobertas científicas criariam um mundo novo. O passado estava lá, podia dizer algo sobre o presente fazia-se importante, mas não era mais o orientador, o presente era único e o futuro seria sempre melhor. (KOSELLECK, 2006)³

O XIX foi repleto de projetos. Os europeus viveram obcecados pelas causas e pelos significados das transformações revolucionárias francesas. Os debates políticos e filosóficos do Iluminismo não foram consumidos pelo fogo da revolução. Pelo contrário, a Revolução Francesa e suas consequências foram amplamente atribuídas ao mesmo Iluminismo, que então emergiu como fonte consagrada dos dogmas políticos e programas sociais do século que sucedia. Assim o século XX entrou na história com a grande expectativa do progresso, mas não foi bem isso que aconteceu. (JUDT, 2010)

O século XX foi o que mais invocou o futuro o que mais construiu e massacrou em seu nome, o que levou mais longe a produção de uma história escrita. (HARTOG, 2006). Mas por fim o que acarretou o século XX foi uma grande insatisfação em relação ao futuro e a confiança na história. É fundamental trazer ao presente as conjunturas que fizeram com que os homens do passado mudassem seu próprio tempo, capturar, pegar algo do passado, tão presente no mundo contemporâneo. (BENJAMIN, 2005). Hoje as pessoas possuem um interesse grande pelo passado, jogos, séries, romances, visitas a museus, tudo isso nunca esteve tão evidente, nunca foi tão encantador, fascinante. Mas e a história? Esta foi desacreditada, a história perdeu sua capacidade de orientar, pouco se usa o conhecimento histórico para questões práticas. O futuro não é mais aberto a possibilidades, mas um risco por vezes ameaçador. (GUMBRICHT, 2011)

REFERENCIAL TEÓRICO

Vivemos em um mundo cada vez mais dinâmico, o presente cada vez mais evidente, os fatos transformados em história ao tempo que acontecem, o instante valorizado, o passado que não mais orienta e o futuro que se perdeu em meio ao descrédito, trata-se do presentismo (HARTOG, 2013). Uma ideia de presente imediato e de percepção histórica que compara e percebe as diferentes formas de fazer história e de ser no tempo. Mas pensar que no atual momento o “mundo” está intimamente voltado para o presente

remete ao questionamento de até quando o presentismo será tão evidente. “Viveríamos em um presentismo pleno ou transitório?” É possível que o presentismo perpetue por anos em sua plenitude, mas deve-se considerar também a possibilidade de se tratar de um modo de viver, ver e pensar exclusivo de nossa época, de nosso momento histórico. A volta do futurismo e até do passadismo não devem ser descartadas. (DA MATA et al., 2012)

Ainda neste raciocínio é possível pensar também o regime de historicidade⁴, e sua relação com a pesquisa historiográfica. Partimos do princípio de que ambos os conceitos não se situam no mesmo plano apesar de associarem-se a formas distintas da escrita da história. Assim é necessário uma análise e reflexão acerca do que compete a um e a outro, o que é próprio da historicidade e o que é da historiografia, percebendo sua proximidade ao tempo que destaca suas diferenças, questionando sempre suas referências mútuas. Bom a reflexão que tenho ao estudar tais conceitos de inquestionável importância teórica está em perceber que se enquadram na “antropologia do tempo” apontado por Fernando Nicolazzi em *A história entre tempos: François Hartog e a conjuntura historiográfica contemporânea* onde a história é intelectual, pautada na percepção de escritores, filósofos, historiadores, poetas... enfim, em um aparato de homens da intelectualidade. Até que ponto o presentismo e o regime de historicidade afetam realmente a vida das pessoas enquanto sociedade, enquanto parte de diferentes grupos sociais e conjunturas? Realmente não sei se o “seu Zé gari” sabe que vive no presentismo, tem consciência de toda essa reflexão, e mais, não sei até que ponto o nosso personagem enxerga a história como algo importante para a vida. (GUMBRECHT, 2011)

Estamos em um momento em que a história não orienta mais, mas porquê? Quando vejo um considerável número de pessoas invadindo as ruas do país e clamando por intervenção militar, me pergunto onde está a história? Onde estão os historiadores que antes se empenharam em orientar? É claro que nem todos, mas boa parte deles estão no gabinete preocupados com pesquisas de cunho acadêmico. Não sou contra o academicismo, longe disso, é necessário. Não

3 No texto referido a Reinhart Koselleck o autor não trata especificamente do século XIX mas se refere a todo o período compreendido na modernidade.

4 O Regime de Historicidade planeja a percepção da história a partir de uma sociedade que trata do passado pela consciência de si como comunidade humana, colocando em evidência os diferentes modos de relações com o tempo, comparando e percebendo as diferentes formas de fazer história e de ser no tempo, a fim de melhor enxergar o próximo.

precisamos nos sentir culpados pelas pesquisas, também somos cientistas, mas não apenas. Temos um inquestionável dever social.

Os historiadores não precisam estar apenas nas universidades, precisam falar para a sociedade, precisam chegar com o presentismo também no “seu Zé gari”. Caminhar com a teoria e com a história política e social nas novelas, nas séries, nos jogos e nos romances históricos, chamar atenção, o que não é uma tarefa simples. Como não falhar nessa função? Como não ser anacrônico ao se guiar pela mídia e pela arte?

METODOLOGIA

Ao iniciar a reflexão acerca do tema nos veio a seguinte indagação: Em meio a um mundo cada vez mais dinâmico visto o advento do presentismo da tecnologia e da busca constante por informação, qual a melhor forma de ensinar história? O professor o giz e o quadro-negro não nos parecem tão eficientes, torna-se preciso sair da sala de aula e adentrar o mundo cultural a fim de provocar nos alunos o real interesse pelo passado. Os jogos as séries e os romances históricos são hoje importantes ferramentas para o aprendizado.

Assim é interessante pensar a educação para além da disputa “ciência e técnica” versus “teoria e prática”, nossa proposta é o ensino pelo viés da “experiência e do sentido” onde o estudante deve sentir a matéria proposta ao tempo que experimenta a história. A informação, a necessidade de opinião e velocidade das atividades são sim importantes no campo educacional, porém a experiência, que tem a capacidade de nos passar e nos tocar de forma individual, carece de significativa atenção.

As escolas cada vez mais empenhadas em seu dever de informar, deixam de lado o interesse do aluno, os currículos organizados em pacotes numerosos e menores não permitem que nada mais nos aconteça. Não se pode perder tempo e o tempo está cada vez mais curto. É importante estar atento ao conteúdo, ao vestibular, às avaliações, mas toda essa gama de conhecimento não é suficiente para introduzir o aprendizado. A experiência e a paixão pelo saber são consumidas pela ambição e pela busca concreta por resultados objetivos, numéricos. (BONDIA)

Torna-se preciso abraçar a ideia do ensino e aprendizado baseados no letramento que não abranja apenas as capacidades de escrita, leitura e fixação da matéria e sim a capacidade que cada aluno tem de compreender e analisar os fatos. E para tal objetivo o professor precisa incluir-se na realidade do aluno, pensar a indústria cultural que o cerca e o interessa como uma maneira aliada da educação, dizer que é possível aprender história

por vias que ultrapassem o livro didático, ainda que esta seja uma tática inicial a fim de chamar atenção, visto que possa se discutir a fidelidade da fonte também como forma e aprendizado. (SOARES, 2004)

A partir de discussões e leituras teóricas e pedagógicas específicas acerca da utilização de vias culturais no ensino de história pretendemos pensar essa educação “diferenciada” no ensino básico para que através do interesse do aluno possa provocar a sua experiência para com o conteúdo histórico. Pensando assim, uma real aproximação entre produção acadêmica e produção artística como aliadas no ensino de história, de forma que a adaptação de códigos e analogias sejam feitas a fim de trazer para a sala de aula o acesso ao mundo e a cultura externa ao ambiente escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ciência, que às vezes caminha e às vezes galopa, levou a humanidade em direção ao futuro. Saímos de uma vida que ia de caverna em caverna para a pecuária, agricultura, fim do nomadismo, surgimento das cidades e início das grandes civilizações. Somos o resultado de uma sequência de evoluções sociais e tecnológicas que culminaram no mundo contemporâneo. Idas e vindas nos tornaram o que somos hoje.

A comunicação aconteceu durante muito tempo de forma muito básica. Posteriormente grunidos e gestos começaram a ser substituídos por palavras. As palavras ganharam complexos sistemas de significados e foram estabelecidos símbolos de representação gráfica do que era oral. Sílabas, palavras, verbos, adjetivos passaram a dominar nosso meio dando poder àqueles que conseguiam transmitir conhecimento. Dotada inicialmente de caráter religioso a escrita tornava-se o símbolo dos administradores da coisa pública. Pensem em contextos de quase completo analfabetismo. Pouquíssimas pessoas tinham acesso a contabilidade dos anos anteriores e eram esses, escolhidos e/ou apoderados, que manipulavam as formas de se expressar referentes ao passado distante e próximo.

A expressão está intimamente vinculada as manifestações artísticas. Juntamente à técnica caminham as formas de se expressar. Não sabemos exatamente de que forma as pinturas rupestres funcionavam em seu período de produção. Sabemos, no entanto, que a partir delas temos um caminho evolutivo longo desembocando na contemporaneidade. Segundo Walter Benjamin (em seu texto de 1936) a arte, como qualquer manifestação cultural, é o resultado da somatória dos períodos anteriores juntamente à produção cultural do presente. Um bom exemplo disso é a

arquitetura. Para ele a mesma desde muito tempo foi uma arte para a coletividade, pois seu foco nunca foi a experiência individual e sim grupal, afinal, desde os tempos mais reconditos os homens vivem em comunidades. Enfim, as construções são para o plural e além de abarcar e proteger tem a função de ser locais de convivência. Partindo desse princípio, o da coletividade da produção artística, temos a obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica uma infinidade de formas de se produzir e absorver que vulgariza o consumo dos manifestações culturais. Que a produção, cada vez mais coletiva, se propõe, tal qual sua produção, um crescente multifacetado de possibilidades de interpretação (BENJAMIN, 1985, p. 13).

E onde fica a história? Não a história do passado mas, no nosso caso, o contar a história de modo científico, ou o que chamamos de "historiografia"? É um dilema pertinente a nossos dias. Há várias histórias a se contar. Atualmente temos uma profusão de meios de comunicação. Praticamente todos nós temos acesso a equipamentos e formas de nos ligar a outras pessoas. A internet é talvez a mais democrática destas ferramentas e se propõe a ser aberta a todas as pessoas do mundo. Infelizmente essa pretensão democracia não se reflete proporcionalmente nem qualitativamente no que as pessoas têm acesso. Há muito o que se comunicar e muitas pessoas que se comunicam mas, como afirma Walter Benjamin o que é comunicado e quem realmente tem seus pontos de vista divulgados não representa uma parcela ampla da sociedade (BENJAMIN, 1985)

Entre as novas formas de nos comunicar e as ultrapassadas salas de aula percebemos que o conhecimento em si é o que torna a interação humana atraente. As pessoas em geral, muito diferente do que pensamos, não se sentem repelidas ao saber. No mundo de hoje ele não é só poder, mas uma das maiores preocupações dos produtores de conteúdo midiático. Então, qual o motivo da maioria dos alunos sentirem aversão à escola? Ou ainda, qual o motivo das pessoas em geral não serem capazes de absorver o conteúdo produzido dentro da academia e se debruçarem sobre uma produção rasteira de interpretações sobre nosso passado? A resposta é simples: É que independentemente das pessoas gostarem de conhecimento histórico não se sentem atraídas pelo formato que o mesmo é transmitido em situações formais de divulgação – livros de acadêmicos e sala de aula.

O principal fator de identificação do público com o saber disseminado fora da escola é o formato. A forma como a informação é transmitida determina de maneira direta a absorção do

conteúdo, mas não só isso. Para além da capacidade de memorização e apreensão do saber está a capacidade de utilizá-lo no mundo (PALANGANA, 2002). Em disciplinas relacionadas a conhecimentos práticos a relação é direta. Um estudante de matemática, química e física deve enxergar no mundo aquilo que lhe é ensinado em sala de aula. Já em conteúdos das Ciências Humanas não aplicadas este raciocínio é mais difícil ficando a questão: Em nossa área de conhecimento, a História, onde reside a praticidade, ou aplicabilidade, do conteúdo?

Antes de respondermos a esta pergunta é pertinente que pensemos nos lugares da história na contemporaneidade e em como essa reprodutibilidade técnica afeta a forma das pessoas terem acesso e interagirem com estas interpretações. Talvez a mais difundida forma de acesso ao conhecimento histórico seja a internet. De celulares a computadores todos temos acesso a uma gama quase que impossível de ser absorvida pelos espectadores. O volume assombroso é resultado da produção democratizada de informação. As pesquisas são resultados dos interesses das pessoas que as realizam. Se gostamos da Roma Antiga, do Egito Antigo, da cultura Maia, ou de qualquer outro assunto, chegamos a ele.

Outros exemplos são também pertinentes. A televisão e o cinema usam e abusam do conhecimento histórico em seus conteúdos. Desde novelas, passando por séries, documentários e filmes o conhecimento histórico ganha diferentes roupagens. Mas qual o teor dessas mídias no que diz respeito às questões como metodologia de pesquisa? Qual a preocupação da produção de um conhecimento que seja democrático com relação aos pontos de vista?

Se no primeiro caso, a internet, o problema é a capacidade das pessoas em interpretar a informação que tem acesso, no segundo temos visões que se preocupam mais em vender um determinado conteúdo do que de fato informar e criar pessoas críticas. Quem nunca discutiu com um amigo, ou aluno, sobre a presença alienígena nunca comprovada? Vivemos entre duas realidades: a história preocupada com o método acadêmico e a histórica preocupada com o sensacionalismo, as visualizações de páginas, curtidas, dentre outras formas de status social no mundo virtual. Porque não estimular o diálogo entre essas duas esferas de poder criativo? A sociedade ganharia muito com este intercâmbio. Levaríamos mais consciência aos cidadãos melhorando muito as formas das pessoas de interpretar o mundo.

CONCLUSÃO

É na formação de cidadãos que reside a função da História. Nos ensinos médio e fundamental nossa ciência se presta a desenvolver a crítica social estabelecida sobre a vivência dos nossos antepassados (CARDOSO, 2007). Desacortinamos o passado não para traçarmos um futuro. A História não se propõe a criar projetos. Intentamos em desvendar a dinâmica social e, ao transmitir este conteúdo aos alunos, mostrar a eles que movimentações similares acontecem no seu presente preparando-o para um papel mais ativo.

Não afirmamos aqui que a academia deve ser a produtora exclusiva de conhecimento histórico nem, por outro lado, que a forma pela forma, como às vezes acontece na mídia de forma geral, seja uma estratégia boa para a formação de uma sociedade menos alienada. O que propomos aqui é que desde o aluno de história em sala de aula tenha acesso a conteúdo aprazível e de qualidade por meio de filmes. E este mesmo aluno, quando mais velho e entrar em contato com todas as produções culturais que trabalhem o conteúdo histórico, seja capaz de interpretá-las como uma construção e não como uma informação pronta e absolutamente confiável.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Obras escolhidas. v. I. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. **Aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de História”**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 22 a 28.
- CARDOSO, O. P. **A didática da História e o slogan da formação de professores**. Tese, São Paulo: Faculdade de Educação (USP), 2007.
- GINZBURG, C. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GUMBRECHT, H. U. Depois de “Depois de aprender com a história”, o que fazer com o passado agora? In: F. NICOLAZZI; H. M. MOLLO; V. L. de ARAUJO (Orgs.); **Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- HARTOG, F. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- HARTOG, F. Tempo e Patrimônio. **Vida História**, v. 22, n. 36, p. 261 a 273, 2006.
- HARTOG, F. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- JUDT, T. **Reflexões sobre um século esquecido 1901-2000: o mundo que perdemos**. São Paulo: Editora Objetiva, 2010.
- KOSELLECK, R. “Espaço de experiência” e “Horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. **Futuro Passado**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio/Contratempo, 2006.
- DA MATA, S.; MOLO, H. M.; PEREIRA, M. H. F.; VARELLA, F. F. (ORGS.). **Tempo presente e usos do passado**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.
- PALANGANA, I. C. E. AL. Acerca da relação entre ensino, aprendizagem e desenvolvimento. **Revista Portuguesa de Educação**, p. 111–128, 2002.
- SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, v. Jan/Fev/Mar/Abr, n. 25, 2004.